

A elisão da vogal média [e] no Sul do país: uma regra variável¹

The elision of the middle vowel [e] in the South of the country: a variable standard

Cláudia Soares Barbosa

Resumo

Este trabalho analisa a aplicação da regra variável de elisão da vogal /e/, que trata da supressão de vogais átonas em seqüência V-V, em que a primeira vogal encontra-se em posição átona em final de palavra e a segunda vogal, de qualidade diferente, ocupa o início da palavra seguinte. As cidades que compõem a amostra são Porto Alegre (Rio Grande do Sul), Florianópolis (Santa Catarina) e Curitiba (Paraná), capitais integrantes do banco de dados do Projeto VARSUL. As ocorrências da regra foram estudadas sob a perspectiva da Teoria da Variação, modelo laboviano.

O objetivo é estabelecer as dimensões sociais e lingüísticas que condicionam a elisão da vogal /e/ no Sul do Brasil. A variável dependente é a elisão da vogal /e/ e suas variantes, além da elisão, são a ditongação e o hiato. Os dados foram submetidos ao pacote computacional Varbrul 2S.

As variáveis selecionadas foram: Qualidade da Vogal Seguinte, Região, Léxico, Número de Sílabas, Consoante Anterior à Vogal Elidida, Faixa Etária, Acento da Vogal 2, Tipo de Clítico na Posição 2 e Tipo de Clítico na Posição 1. A variável dependente não se comportou como a variante de maior aplicação. Em cada região analisada, a variante ditongação foi a que apresentou maior índice.

Palavras-chave: lingüística, teoria da variação, fonologia.

Abstract

This work aims at studying the elision rule involving the vowel /e/ in V-V sequences, when the first vowel is at a final word stressless position and the second vowel, of a different quality, is at the beginning of the following word. Under the perspective of Linguistic Variation Theory, Labovian model, we tried to detect the linguistic and social contexts that regulate the phenomenon application synchronically. The statistical treatment is given by the computational program VARBRUL 2S.

The corpus of the study – part of VARSUL Bank Data – embraces three capitals of the South region of Brazil: Florianópolis-SC, Curitiba-PR and Porto Alegre-RS. We defined our dependent variable as the elision of the vowel /e/. The variantes are, besides the elision form, the hiatus form and the diphthong form.

The computational program selected the following variables as statistically significant: Following Vowel Quality, Region, Lexicon, Syllable Number, Precedent Consonant, Age, Second Vowel Stress, Type of Clitic in the Second Position, Type of Clitic in the First Position. The results pointed that the elision form is not the main variant in these dialects. It comes after the diphthong form.

Key words: linguistics, Variation Theory, phonology.

¹ O presente artigo é parte da dissertação intitulada *A elisão da vogal média no Sul do País: uma regra variável*. (PUCRS-2005).

Cláudia Soares Barbosa é Professora de Língua Portuguesa no Curso de Letras da ULBRA. Mestre em Lingüística pela PUCRS.

Endereço para correspondência: claudia.soares.barbo@terra.com.br

Textura	Canoas	n. 12	julho/dezembro 2005	p.67-78
----------------	--------	-------	---------------------	---------

INTRODUÇÃO

É fato historicamente documentado na língua portuguesa que as palavras sofrem modificações fonéticas por influência de outras com que estão em contato ou formam unidade fonética na frase. De particular interesse para o presente estudo é a supressão de vogais átonas em seqüências

Chamava Estrada da Pedreira. [F 24, 0031] (BISOL, 2002, p.240)
chama[ves]trada

Ela disse assim que ele não podia estar na sétima série. [C 18, 1221]
di[sa]sim

Então, a gente teve uma certa privação. [F 02, 0098]
te[vu]ma

O sândi vocálico externo, no português brasileiro, de acordo com os estudos de Bisol (1992, 1996a, 1996b, 1999, 2000), é visto como um processo de ressilabação que envolve dois itens lexicais sob o domínio do mesmo enunciado. É motivado pelo choque entre dois picos silábicos, uma das sensibilidades métricas do português, que, ao apagar uma sílaba, deixa unidades flutuantes, as quais, ao serem licenciadas prosodicamente ou ao deixarem de ser, produzem como resultado final a elisão, a ditongação e a degeminação (BISOL, 1996, p.167).

Este estudo diz respeito especificamente ao processo de elisão da vogal /e/. A amostra considerada na análise é parte do banco de dados do projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul) e refere-se ao português falado no Sul do país, nas cidades de Curitiba-PR, Florianópolis-SC e Porto Alegre-RS. A teoria que embasa essa pesquisa é a Teoria da Variação na perspectiva de William Labov (1972).

A ausência de pesquisas especificamente sobre a elisão da vogal média /e/ com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação, modelo laboviano, justifica a condução desse trabalho, já que estudos realizados à luz dessa linha envolvem unicamente a elisão da vogal /a/ (BISOL, 1996, 2000, 2002). Partiu-se da hipótese de que a qualidade da vogal exerce um papel significativo no processo de elisão. Por meio de uma descrição sociolingüística, poderemos identificar as restrições e/ou motivações lingüísticas e sociais que implicam a eli-

V-V, por sinalefa ou elisão conhecida, em que a primeira vogal se encontra em posição átona em final de palavra e a segunda vogal de qualidade diferente ocupa o início da palavra seguinte, responsável pela origem de formas como *planalto* < *plano alto*, *outrora* < *outra hora* (COUTINHO, 1958, p.141). A elisão é, pois, um dos casos de sândi vocálico externo. Desse modo, são exemplos:

são da vogal média /e/ no português falado nas três capitais da região Sul do Brasil.

Com o objetivo de colaborar para o estudo do fenômeno fonético-fonológico da elisão em língua portuguesa, pretende-se, ainda, estabelecer semelhanças e diferenças entre o condicionamento da elisão da vogal /a/, fenômeno mais recorrente e já descrito, e o condicionamento da vogal /e/.

Esses objetivos foram formulados a partir das seguintes hipóteses gerais: a) a elisão da vogal média /e/ trata de um fato fonológico preferencialmente condicionado por fatores lingüísticos; b) ocorre baixa aplicação da elisão da vogal média /e/ comparada à possibilidade de ditongação e hiato; c) a elisão da vogal média /e/ ocorre preferencialmente no domínio do grupo clítico, embora não seja restrita a este.

ELISÃO (EL)

Os processos de sândi vocálico foram amplamente estudados por Bisol (1992a, 1996a, 1996b). São caracterizados pela autora como processos de ressilabificação em qualquer uma das suas três manifestações: elisão, ditongação e degeminação. A *elisão* fica restrita ao apagamento da vogal /a/ em posição não-acentuada de final de palavra, quando a palavra seguinte começa por vogal de qualidade diferente. A *ditongação* é o processo de formação de ditongos



com a vogal final de um vocábulo e a inicial de outro, desde que uma das vogais da seqüência seja alta e átona. A *degeminação*, como se depre-

Menina orgulhosa	>	meni[nor]gulhosa	(elisão)
Menina humilde	>	meni[naw]milde	(ditongação)
Vestido usado	>	vesti[du]sado	(degeminação)

O ponto de partida de todos os processos em estudo é o desaparecimento de uma sílaba e a imediata ressilabação dos elementos flutuantes que passam a ser agregados à sílaba remanescente. Esses processos se dão automa-

Cami[za u]sada	cami[zu]sada – cami[zaw]sada
Cami[za a]marela	cami[za]marela

O sândi externo é, portanto, um processo de desestruturação silábica que apaga uma sílaba e deixa unidades flutuantes. Nestas circunstâncias, a ressilabação, motivada pelo *Princípio do Licenciamento Prosódico* (ITÔ, 1986), segundo o qual todo elemento lingüístico deve ligar-se a uma estrutura prosódica mais alta, associa os elementos flutuantes à sílaba mais próxima, em

Ela toca órgão	* to[kor]gão
Recebia hóspedes todos os dias.	* rece[biɔ]pedes
plácida orla	* pláci[dor]la
cômoda oca	* como[dɔ]ca

O processo só não é bloqueado se o acento da segunda sílaba pertencer a uma palavra funcional ou ao verbo ser. Nesse caso, o acento

Eles me deram de volta uma série de duplicatas. (D2 RJ 355 p.5:9)
vol[tu]ma (c/a²)

Na visão de Bisol, verifica-se que o ponto de partida do processo de sândi, por elisão denominado, provém de uma das sensibilidades métricas do português: *rejeição à seqüência imediata de dois núcleos silábicos de vocábulos diferentes*, ou seja, de hiatos. Então, a solução ao hiato é um dos três processos mencionados: elisão, degeminação e ditongação. O choque de rimas apaga a sílaba final da primeira palavra e a ressilabação é chamada.

²Onde (c/a) + com aplicação e (s/a) + sem aplicação.

ende do nome, é a fusão de duas vogais idênticas (BISOL, 1996b, p. 160). Os três processos podem ser vistos nos exemplos a seguir:

ticamente quando as duas sílabas em contato são átonas, pronunciadas as duas palavras pela mesma pessoa e sem pausa ou duração intermediárias. Os exemplos a seguir elucidam o que foi dito (BISOL, 1996b, p.160).

conformidade com o *Princípio de Sonoridade Seqüencial*. Como este exige sonoridade crescente no ataque e decrescente na coda, fica garantida a boa-formação da sílaba que se constrói pelo *Princípio do Licenciamento Prosódico*.

Contextos de bloqueio da elisão: segunda vogal acentuada (cf. BISOL, 1996a, p.59-60).

de s₂ é apagado, conforme observa-se, a seguir (BISOL, 1996, p.82):

TEORIA DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

O objeto da Sociolingüística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. O seu objeto é a comunidade lingüística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos lingüísticos (ALKMIN, 2001, p.31).



A sociolinguística laboviana, ou Teoria da Variação, constitui-se na década de 1960 uma teoria como método e objeto de estudo. É nessa época que se iniciam os questionamentos, em termos empíricos e teóricos, sobre a sistematicidade do fenômeno da linguagem e a sua relação com o fato social. A percepção do caráter social da língua passa a definir o estudo da diversidade e da mudança linguística, pois os padrões de comportamento variantes em função do tempo e do espaço começam a ser entendidos como parte da evolução da sociedade e da linguagem.

A partir das pesquisas de Labov (1966, 1969, 1972b), o modelo incorpora variáveis linguísticas às extralinguísticas. O autor volta a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua falada. Para o autor:

The procedures of descriptive linguistics are based upon the conception of language as a structured set of social norms. It has been useful in the past to consider these norms as invariants, shared by all members of the speech community. However, closer studies of the social context in which language is used show that many elements of linguistic structure are involved in systematic variation which reflects both temporal change and extralinguistic social processes. (LABOV, 1968, p.241)³

Não se trata de analisar um discurso ideal de um falante ideal de uma comunidade homogênea, como previa Chomsky (1975). Trata-se de uma proposta que visa à sistematização da língua relacionada à sociedade na qual é usada e das variações que se estabelecem em sua existência real. Quer dizer, deve-se procurar captar o vernáculo, a realização concreta da língua, em situações de interação social.

Com base na fala natural, como propõe Labov (1972a), se a variação é sistemática, então os estudos variacionistas devem descobrir padrões de uso, levando em consideração a fre-

quência de ocorrência das variáveis. Por esse motivo, o modelo também é conhecido como Sociolinguística Quantitativa.

A partir dessa nova proposta, a língua passa a ser entendida como um sistema que possui regras variáveis e regras categóricas. Quando duas ou mais formas estão em concorrência em um mesmo contexto e a escolha depende de fatores internos ou externos ao sistema, tem-se uma regra variável. Contudo, nem todos os fatos da língua estão sujeitos à variação. Existem regras, denominadas categóricas, que não podem ser infringidas, sob pena de dificultar a comunicação ou até mesmo impossibilitá-la.

Para ser considerada variável, a regra deve registrar um certo índice de frequência. Quer dizer, é preciso haver um número significativo de ocorrências, não-arbitrárias, para se afirmar que há variação. Nos moldes propostos por Labov (1972a), essa regra é reveladora, mas não necessariamente explicativa. Para descobrir as razões para os índices encontrados, o pesquisador deve valer-se de teorias linguísticas existentes, seja nas áreas da fonologia, da sintaxe ou da semântica. Na visão de Labov:

Variation in linguistic behavior does not in itself exert a powerful influence on social development, nor does it affect drastically the life chances of the individual; on the contrary, the shape of linguistic behavior changes rapidly as the speaker's social position changes. (LABOV, 1968, p.111)⁴

Sumariando, a Teoria da Variação, como uma metodologia científica, pressupõe um objeto e um método. O seu principal objeto, o dado de análise, é a fala, empregada em situações naturais e espontâneas por indivíduos pertencentes a uma sociedade. O seu método quantitativo pressupõe a análise minuciosa de fatores supostamente envolvidos na regra. Conta com um programa, matemático-logístico, específico para descrição de línguas.

³Os procedimentos da linguística descritiva baseiam no entendimento de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, foi útil considerar que tais normas eram invariantes e compartilhadas por todos os membros da comunidade linguística. Todavia, as análises do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura linguística estão implicados na variação sistemática, que reflete tanto a mudança no tempo quanto os processos sociais extralinguísticos. (LABOV, 1968, p.241).

⁴A variação no comportamento linguístico em si mesma não exerce uma decisiva influência no desenvolvimento social nem afeta as oportunidades de vida do indivíduo. De modo oposto, a forma de comportamento linguístico muda rapidamente quando muda a posição social do falante (LABOV, 1968, p. 111).



ELISÃO DA VOGAL MÉDIA [E]: UMA REGRA VARIÁVEL

O presente estudo apóia-se na coleta de dados conforme propõe a metodologia laboviana. Assim, o propósito maior é considerar o vernáculo, ou seja, a fala espontânea da forma mais natural possível.

Para constituir a amostra da pesquisa foram selecionadas 72 entrevistas do banco de dados do Projeto Varsul, compreendendo as cidades de Curitiba-PR, Florianópolis-SC e Porto Alegre-RS.

O Banco de dados Varsul é resultado do projeto Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil,⁵ cujos procedimentos da lingüística descritiva se baseiam no entendimento de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, foi útil considerar que tais normas eram invariantes e compartilhadas por todos os membros da comunidade lingüística. Todavia, as análises do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura lingüística estão implicados na variação sistemática, que reflete tanto a mudança no tempo quanto os processos sociais extralingüísticos. (LABOV, 1968, p.241).

tivos são o armazenamento e a disponibilização de amostras de fala de habitantes característicos de áreas urbanas representativas de cada um dos três Estados da região Sul do Bra-

Elisão	– Eu acho [kE]ra pra mim ser lavadeira, porque eu gosto muito. [F 09, 0315]
Ditongação	Eu comprava tudo [kjE]ra discos e ouvia. [P 01,0495]
Hiato	– Lembro dessa rua aqui na frente que [ke Era] pura pedra.[C 09,0010]

As variantes mencionadas ocorrem concomitantemente na fala dos gaúchos, florianopolitanos e curitibanos.

As variáveis independentes ou grupos de fatores consistem nos parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas

sil. As amostras são armazenadas sob a forma de entrevistas gravadas em fita cassete com aproximadamente 1h de duração, e posteriormente, transcritas de acordo com um sistema de transcrição de três linhas. Na primeira linha, é registrada a sintaxe real da fala do entrevistado; na segunda, são registrados os aspectos fonéticos variáveis e pausas; e na terceira, é feita a classificação morfossintática dos itens lexicais.

DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

A fim de se alcançarem as regras que regulam a heterogeneidade lingüística, pressuposto básico da Teoria da Variação Lingüística, faz-se necessário, inicialmente, proceder à identificação das dimensões lingüísticas e não-lingüísticas que podem estar atuando na escolha de uma ou outra variante de uma determinada variável.

Chamam-se variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. Constituiu-se variável dependente nesta pesquisa a elisão da vogal média /e/. A elisão diz respeito ao apagamento de vogais em posição átona final de palavra quando a palavra seguinte começa por vogal de qualidade diferente. Trata-se de um dos processos de sândi externo. As variantes em competição são, portanto:

variantes (MOLLICA, 2003, p.11). Podem ser lingüísticas, isto é, estruturais, internas ao sistema, ou extralingüísticas, isto é, sociais, externas ao sistema. No primeiro caso, refletem o modo como os aspectos do próprio sistema da língua influenciam a variabilidade. No segundo, refletem a relação mútua, base dos estudos sociolingüísticos, entre aspectos como etnia, gênero, escolaridade, idade e as variáveis lingüísticas.

As variáveis extralingüísticas ou sociais representam os condicionamentos externos que exercem papel na performance da língua, de acordo com os princípios da Teoria da Variação

⁵Todas as amostras que compõem o banco estão disponíveis em uma das quatro agências do VARSUL, a saber: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Instituto de Letras), Universidade Federal de Santa Catarina (Centro de Comunicação e Expressão), Universidade Federal do Paraná (Departamento de Lingüística, Letras Clássicas e Vernáculos) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Faculdade de Letras).



Linguística. Fenômenos de variação estável, de mudança e de atitude linguística têm sido examinados à luz de variáveis sociais como sexo, faixa etária, escolaridade, classe social, etnia e estilo de fala.

A amostra considerada contém 7130 ocor-

rências. Considerou-se como ocorrência para a pesquisa qualquer item lexical terminado em /e/ e seguido por palavra iniciada por vogal diferente de /e/. Um exemplo de ocorrência codificada pode ser vista a seguir:

Codificação de ocorrência
Elisão da vogal média /e/

Ocorrência	Codificação
De antena – d[ã]tena	1d5y#cxgd7c9m4

De acordo com a orientação metodológica, o primeiro símbolo deve se referir a uma das variantes da variável dependente. Desse modo, tem-se, no dado apresentado, a ocorrência de elisão de /e/ em: *Você fica de antena ligada, né?* (F 20, 1229); portanto (1) (d[ã]tena).

Em seguida, tem-se a consoante anterior à vogal elidida, [d], e a qualidade da vogal seguinte, [ã] (5). A primeira vogal é átona (Y), a segunda vogal também é átona (#). A ocorrência classifica-se como palavra funcional + palavra lexical (c). A distância do clítico em relação à sílaba tônica da palavra envolvida no processo de ressilabação é de uma sílaba (x). A ocorrência é classificada como grupo clítico (g). Há clítico apenas na posição 1 (7) e o clítico em questão é *de* (d).

Após a codificação das variáveis linguísticas, tem-se a codificação das variáveis sociais. O informante reside em Curitiba (c), sua idade está entre 25 e 40 anos (9). O indivíduo é do sexo masculino (m) e cursou apenas o ensino fundamental (4).

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O resultado obtido para cada uma das variantes da variável dependente é apresentado no Gráfico 1 a seguir. Dentre os valores, observa-se que a ditongação aparece em primeiro

lugar, em 78% das ocorrências. A elisão, objeto de estudo desta pesquisa, aparece em segundo lugar, com 14% das ocorrências e, por último, o hiato com 7% das ocorrências.

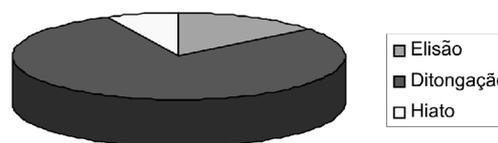


Gráfico 1 – Elisão da vogal média /e/ e outras variantes

O Gráfico 1 confirma a hipótese de que ocorre baixa aplicação da elisão de /e/ comparada à possibilidade de ditongação.

VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

O cruzamento entre os fatores das variáveis Tipo de Clítico na Posição 1 e Tipo de Clítico na Posição 2, reorganizados em amálgamas no arquivo de condições, permite que seja possível avaliar se há um tipo de seqüência preferida para a elisão de /e/, considerando-se o fato de que há, na amostra, grande quantidade de seqüências envolvendo clíticos. Esse cruzamento pode ser visto no Gráfico 2 a seguir:



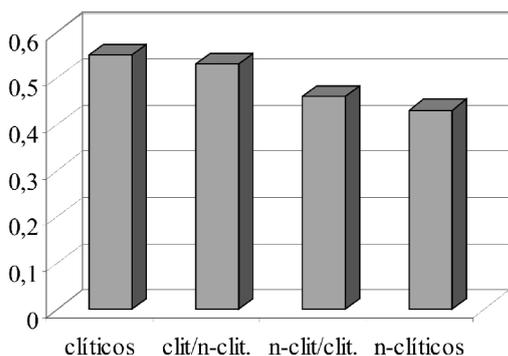


Gráfico 2 – Tipo de Clítico na Posição 1 x Tipo de Clítico na Posição 2

Os resultados mostram que os pesos relativos mais altos referem-se às seqüências em que a V1, candidata-se à elisão, pertence a um clítico. Desse modo, a seqüência clítico/clítico apresentou peso relativo de 0,55 (Ele diz [ko] hotel dele era a colônia. [F 01, 0044]) e clítico/não clítico de 0,53 (Uma vez era o [kE]la usava.[F 01, 0732]). O fator não-clítico/clítico apresentou peso relativo de 0,46 (Depois de casado *aconte[sa]* mesma coisa. [F 02, 0676]) e não-clítico/não-clítico de 0,43 (Aquela mocinha que *este[va]*qui agora, que morava com ela.[F 03, 1125]).

Nota-se, no Gráfico 2, que todos os valores mencionados encontram-se bastante próximos do ponto de referência 0,50 (5 pontos acima para clíticos e 7 pontos abaixo para não-clíticos), o que nos conduz à conclusão de que o fato de ser V1, candidata à elisão, e V2, vogal em contexto seguinte, pertencentes a clíticos ou não-clíticos não é uma informação crucial para o estabelecimento da regra variável. Observa-se sim que quando a V1 pertence a um clítico há um leve favorecimento para sua elisão (0,55 e 0,53).

Confirma-se a partir desse gráfico o resultado apresentado para a elisão da vogal /a/ (BISOL, 2002,2002) com relação ao papel de monomorfemas: a regra não se aplica em monomorfemas, morfemas constituídos de apenas um segmento. Essa restrição diz respeito ao apagamento de monomorfemas quando não deixam vestígios se apagados, justificando assim a não aplicação da regra em casos como *Falei a Orlando* – **Falei Orlando*, mas a elisão pode ocorrer em casos que o vestígio do morfema permanece como *Recado para Elisa* – *Recado [prelisa]* (BISOL, 2000, p.328).

Desse modo, os dados que compõem os clíticos em V1 em nossa pesquisa envolvem ba-

sicamente os fatores, *que, de e se*, em que a vogal candidata à elisão não constitui um monomorfema e, portanto, não fere a referida restrição.

Nos trabalhos sobre a elisão da vogal /a/ efetuados por Bisol (1996, 2000, 2002), a variável Acento foi sempre selecionada e desempenhou um papel determinante para compreendermos esse fenômeno. O melhor contexto é o das vogais átonas, com 0,57 (caz[es]cura, caz[u]milde), mas o acento primário da vogal 2, com seu índice neutro (0,52) (*mastigav[e]*rvas amargas), abre possibilidade para o processo de elisão. O índice do acento principal, abaixo do ponto neutro (0,18), indica ser ele o bloqueador se a segunda vogal for portadora de acento principal (BISOL, 2002, p.239).

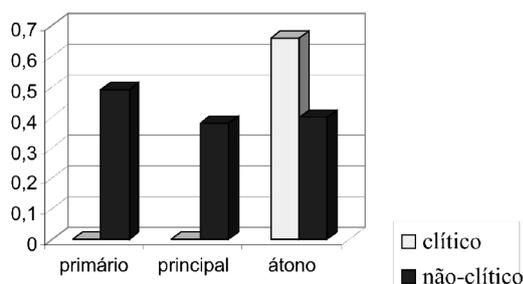


Gráfico 3 – Cruzamento entre Acento V2 e Tipo de Clítico na Posição 2

O Gráfico 3 aponta que a elisão é favorecida de fato quando a vogal 2 pertence a um clítico (0,66). Não existem dados de ocorrência com clítico na posição 2 portando acento primário e acento principal, por isso o índice zero. Para a seqüência de não-clíticos o maior peso relativo (0,49), em torno do ponto neutro, refere-se ao acento primário, justificando os resultados obtidos para os vocábulos que podem ser clitizáveis, conforme a discussão referente a Tabela 7. Para o acento principal e para a vogal 2 átona, os pesos relativos mostram-se abaixo do ponto neutro, 0,38 e 0,40 respectivamente.

VARIÁVEIS SOCIAIS

Em todas as rodadas, o grupo de fatores Região foi sempre selecionado como segunda variável estatisticamente relevante pelo programa VARB2000, o que constitui um for-



te indício de distribuição de natureza dialetal das variantes.

Os pesos relativos indicativos de favorecimento envolvem Florianópolis e Curitiba, com 0,72 e 0,66. Porto Alegre surge como uma região que inibe a regra apresentando peso relativo de 0,19, abaixo do ponto neutro.

Esta variável tem como objetivo analisar se há diferença de aplicação da regra de elisão da vogal /e/ nas cidades consideradas para a análise. Espera-se que a cidade de Porto Alegre apresente menor índice de elisão. Os resultados a seguir confirmam a hipótese levantada.

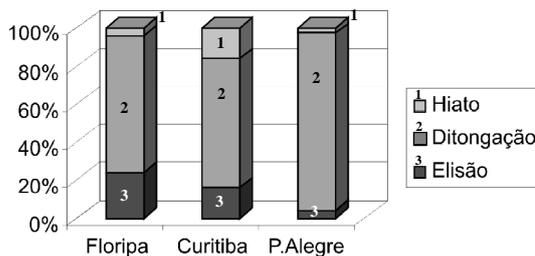


Gráfico 4 – As variantes em competição nas regiões analisadas

O Gráfico 4 aponta para a cidade de Porto Alegre como maior favorecedora à regra de palatalização, portanto, menor favorecedora à regra de elisão e maior favorecedora para ditongação. A cidade de Florianópolis apresenta favorecimento à regra de elisão em comparação à Porto Alegre, mas a ditongação ainda se mostra a variável mais presente. A cidade de Curitiba apresenta resultado semelhante à Florianópolis para a ditongação, porém é a que produz mais hiato em comparação as outras duas capitais e índice intermediário de elisão.

Analisando estritamente o comportamento das consoantes coronal [- anterior] e coronal [+ anterior] por capital, tem-se, no Gráfico 5 a seguir, quando se considera Porto Alegre, que quando o contexto consonantal é [+ anterior], a regra de elisão apresenta alto índice, de 0,96, quase categórico e cai pra 0,27 quando uma coronal [- anterior] precede a vogal /e/. O inverso se observa para a variante ditongação, com baixo índice após coronais [+ anterior], de 0,14, e índice mais alto, de 0,75, para coronais [- anterior].

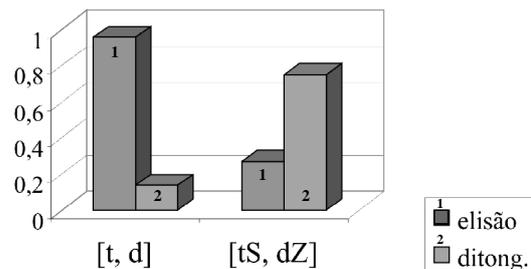


Gráfico 5 – Elisão e Ditongação: Porto Alegre

Para o comportamento das consoantes coronal [- anterior] e coronal [+ anterior] por capital, tem-se no Gráfico 6 a seguir, quando se considera Florianópolis, que quando o contexto consonantal é [+ anterior], a regra de elisão apresenta peso relativo de 0,74, favorecedor, e cai para 0 (zero) quando uma coronal [-anterior] precede a vogal /e/. A variante ditongação apresenta-se desfavorecedora após coronais [+ anterior], com peso relativo de 0,38, e índice 0 (zero) para coronais [- anterior].

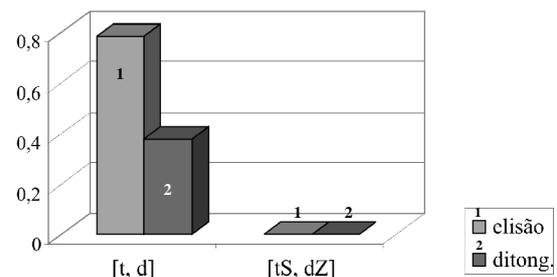


Gráfico 6 – Elisão e Ditongação: Florianópolis

Analisando estritamente o comportamento das consoantes coronal [- anterior] e coronal [+ anterior] por capital, tem-se no Gráfico 7 a seguir, quando se considera Curitiba, que quando o contexto consonantal é [+ anterior], a regra de elisão apresenta alto índice, de 0,84, e cai para 0 (zero) quando uma coronal [- anterior] precede a vogal /e/. O inverso se observa para a variante ditongação, com baixo índice após coronais [+ anterior], de 0,18, e mantém índice 0 (zero) para coronais [- anterior].

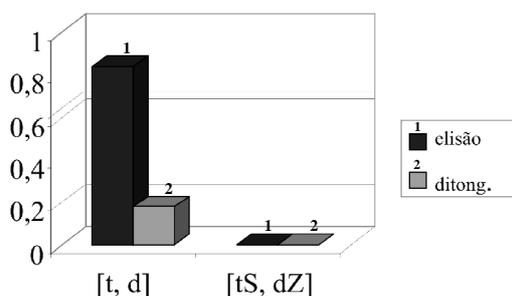


Gráfico 7 – Elisão e Ditongação: Curitiba

Diante dos resultados expostos nos gráficos anteriores, contata-se que a regra de palatalização interfere na aplicação da regra de elisão, uma vez que regiões que não palatalizam apresentam aplicação da regra de elisão da vogal /e/.

A variável social faixa etária foi selecionada como a sétima estatisticamente relevante pelo programa VARB2000.

Esses resultados levam à conclusão de que a idade do falante não tem efeito significativo na realização ou não da elisão. Não há indício de enfraquecimento ou fortalecimento da regra, mas sim estabilidade. O Gráfico 8 a seguir apresenta a curva indicativa de variação estável.

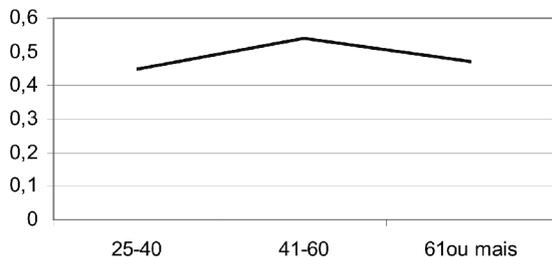


Gráfico 8 – Faixa Etária

Configura-se variação estável quando os grupos extremos – os jovens e os velhos – apresentam comportamento semelhante, contrastando com a população de meia-idade, o que resulta na construção de um gráfico curvilíneo, ou sem gradação etária. A seleção da variável Faixa Etária para a elisão de /e/, ao contrário do obtido nos estudos da elisão da vogal /a/ (BISOL, 2002, p.247), em que essa variável apresentou-se estatisticamente irrelevante, indica que de fato uma divisão etária menos abrangente é capaz de oferecer um quadro mais esclarecedor

a respeito do status do processo, no sentido de apontar se a variante se encontra em situação estável ou se dá mostra de enfraquecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elisão da vogal média /e/ realizada sob a perspectiva variacionista apontou aplicação da regra de elisão da vogal /e/ com menor recorrência em relação à variante ditongação. Nem todas as variáveis inicialmente propostas mostraram-se estatisticamente relevantes para a produção da elisão. A seleção efetuada pelo programa de análise estatística computacional privilegiou, de modo geral, as variáveis lingüísticas.

As variáveis selecionadas e analisadas foram: *Qualidade da Vogal Seguinte, Léxico, Número de Sílabas, Consoante Anterior à Vogal Elidida, Acento da Vogal 2, Tipo de Clítico na Posição 2, Tipo de Clítico na Posição 1, Região e Faixa Etária*. Além dessas variáveis, foram selecionados os cruzamentos: *Tipo de Clítico na Posição 1 x Tipo de Clítico na Posição 2, Acento da Vogal 2 x Tipo de Clítico na Posição 2 e Região x Consoante Anterior à Vogal Elidida (as consoantes coronais [-ant] e [+ant])*.

Qualidade da Vogal Seguinte confirmou a hipótese proposta de que hiatos formados por vogais que compartilham traços tendem a favorecer a elisão da vogal média /e/. Verificou-se que a vogal coronal /E/ é favorecedora da regra, justamente por compartilhar traços com a vogal elidida /e/.

A variável Léxico apontou como mais favorecedor o fator palavra funcional + palavra funcional, resultado que confirma a hipótese proposta de que a presença de palavras funcionais propiciariam a elisão de /e/. Os fatores em que a combinação se faz com seqüências de vocábulos funcionais apresentaram os maiores pesos relativos.

A variável Número de Sílabas apontou para o fator *nenhuma sílaba* como favorecedor ao processo de elisão, seguido do fator *uma sílaba*, indicando que quanto menor o número de sílabas átonas entre a vogal candidata à elisão e a sílaba tônica da palavra envolvida no



processo de ressilabação, maior a ocorrência da regra, conforme, portanto, a hipótese proposta.

A variável Acento da Vogal 2 apontou o acento primário como favorecedor, seguido do principal e da vogal átona. Porém, esses dados requerem muita atenção. O fator acento primário concentra um grande número de dados de palavras formais que, dependendo do contexto, podem ser clitizáveis. A hipótese de que contextos átonos favoreceriam a elisão pode ser comprovada quando se considera o cruzamento entre as variáveis Acento da Vogal 2 e Tipo de Clítico na Posição 2, o qual apresenta favorecimento quando a vogal 2 é um clítico.

A variável Consoante Anterior à Vogal Elidida apresentou os fatores coronal [+ ant] e coronal [- ant] como favorecedores. Devido ao fato da coronal [- ant] apresentar maior favorecimento a partir da iteração com a variável Região, constatou-se que o papel dessa variável só pode ser compreendido tomando-se cada região separadamente.

As variáveis Tipo de Clítico na Posição 1 e Tipo de Clíticos na posição 2 objetivava indicar qual clítico favorecia mais a elisão de /e/, considerando-se na posição 1 o clítico candidato à elisão e na posição 2 o clítico em contexto seguinte. Os resultados apontaram os clíticos *que* e *de* no primeiro caso e *um* no segundo. O cruzamento entre as duas variáveis resultou em pesos relativos muito próximos para todos os fatores e sempre ao redor do ponto de referência. Desse modo, constata-se que o fato de ser clítico ou não não interfere na aplicação da regra.

A variável social Região apresentou resultados importantes. Florianópolis favoreceu a regra e Porto Alegre foi a menos favorecedora. Esse resultado levou a pensar-se na regra da palatalização das oclusivas dentais como interferência no processo de elisão, visto que a cidade mais favorecedora à regra, Florianópolis, é reconhecidamente baixa produtora de palatalização de /t, d/ e a cidade menos favorecedora à regra, Porto Alegre, apresenta alto índice de palatalização.

A variável Faixa Etária indicou situação de variação estável, já que velhos e jovens apresentaram comportamento semelhante, contrastando com a população de meia-idade.

Assim como os resultados analisados para

o processo de elisão da vogal /a/, o processo de elisão da vogal /e/ trata de um fato fonológico preferencialmente condicionado por fatores lingüísticos, já que marcas sociais têm um papel menos relevante no condicionamento da regra. Para as variáveis lingüísticas, os resultados se aproximam em relação às variáveis Qualidade da Vogal seguinte e Acento da Vogal 2. Para a variável Qualidade da Vogal Seguinte, ambas as vogais são favorecidas quando a vogal 2 compartilha traços com a vogal elidida. A variável Acento no primeiro momento apresentou um resultado pouco esperado. Diante disso, realizou-se um cruzamento entre Acento da Vogal 2 e Tipo de Clítico na Posição 2 e obteve-se de forma indireta um resultado semelhante a elisão de /a/; sendo o contexto favorecedor à regra quando a vogal 2 é um clítico, portanto átono. As diferenças encontradas podem ser devidas às variáveis distintas e pela natureza do contexto para a elisão de /e/.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, E. C. *O gesto e suas bordas: esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- ALKMIN, Tânia. Sociolingüística. In: MUSSALIM, F. & Bentes, A.C. (orgs.). *Introdução à lingüística: domínio e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5.ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BISOL, L. *A palatalização e sua restrição variável*. *Estudos*. Salvador, n.5, p.163-177, 1986.
- _____. Sândi Vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, n.23, p.83-101, 1992 a.
- _____. O Clítico e seus Status Prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte. Faculdade de Letras da UFMG, 1992b.
- _____. A Elisão uma regra variável. *Letras de Hoje* 35, nº01, p. 319-330, 2000.
- BISOL, L; HORA, D. A palatalização da oclusiva dental e a fonologia lexical. *Acts do IX Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística*. Coimbra: APL, 1993.



- _____. O acento e o pé métrico. *Letras de Hoje*, 29 n.º04, p.25-42, 1994.
- _____. O Sândi e a Ressilabação. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, v.31, n.2, p.159-168, 1996a.
- _____. Sândi Externo: o processo e a variação. In: Kato, M.A.(org.). *Gramática do Português falado: Convergências*. Editora da Unicamp, 1996b, p.55-95. V.v.
- _____. *Introdução a estudos do português brasileiro*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1996c.
- BISOL, L; BRESCANCINI, C. (orgs.). *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. [Tradução por Alma Flor Ada de Zubizarreta]. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1993. (Tradução de *Language*, 1964).
- CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- _____. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CEGALLA, P. *Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- CEDERGREN, H. J; SANKOFF, D. Variables rules: performance as statistical reflection of competence. *Language*, v.50, n.2, p.333-355, 1974.
- CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic Theory*. Basil Blackwell, 1955.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH (ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.
- CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 4.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FARACO, C. *Lingüística Histórica*. São Paulo: Ática, 1991.
- GARMADI, J. *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.
- GUY, G. R. VARBRUL: análise avançada. Tradução de Ana Maria Stahe Ziles. In: Matte, N. (org). *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre: UFRGS, 1998, p.27-49. Original inglês.
- HAYES, B. *A Metrical Stress Theory of Stress Rules*. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge, Mass: MIT, 1980.
- _____. *Inalterability in CV phonology*. *Language*. Baltimore, MD, 1986.
- HERMANDORENA, C. A geometria de traços na representação das palatais na aquisição do português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, v.29, n.4, p.159-167, 1994.
- LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the black English vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University Pennsylvania Press, 1982.
- _____. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.
- LIBERATO, Y. Alterações vocálicas em final de palavra e a regra de palatalização. In: LIBERATO, Y. G; PERINI, M. (orgs) A. *Ensaaios de lingüística 1*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1978.
- VIGÁRIO, M. *The prosodic Word in European Portuguese*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2001. Tese (Doutorado), Universidade de Lisboa, 2001.
- MASSINI-CACLIARI, G. *O fenômeno fonológico da elisão nas cantigas de amigo*. Comunicação apresentada no XXII Symposium on Portuguese Traditions (Europe, América, África, Ásia). Los Angeles: University of California, Los Angeles (UCLA). Department of Spanish and Portuguese. 17e 18 de abril de 1999.
- _____. *Elisão nas cantigas profanas gale-portuguesas: processo obrigatório ou opcional?* Comunicação apresentada no IV ETEM – Encontro Internacional de Estudos Medievais. Promoção: Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM) e Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Belo Horizonte: 04 a 06 de julho de 2001.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. 2.ed. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948.
- MOLLICA, M. C. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro. UFRJ, 1992.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, L. (orgs.). *Introdução*



- à *Sociolingüística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.
- MUSSALIM, F. *Introdução à Lingüística*. Domínios e Fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- OLIVEIRA, G. M. Coleta de Dados. In: MOLLICA, M. C. *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990. p.101-114. (Cadernos Didáticos UFRJ).
- PAGOTTO, E (2001). *Variação e Identidade* (dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- PINTZUK, S. *VARBRUL programs*. 1988. mimeo.
- SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*, 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1988.
- SELKIRK, E. Prosodic domains in phonology: sanskrit revised. In: ARONOFF, M. & KEAN, M. L. (orgs.) *Juncture*. Saratoga, Calif.: Anma Libri, 1980, p. 107-129.
- _____. The syllable. In: HULST, H. & SMITH, N. *The structure of Phonological Representations*. Foreis Publications, 1982, p.337-383.
- _____. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook 3*, p. 371-405, 1986.
- SCHANE, S.A. *Fonologia Gerativa*. Tradução de A. S. da Rocha; H. M. Camacho e Mallas. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. Título original: *Generative Phonology*.
- SCHERRE, M. M. P. Levantamento, codificação, digitação e quantificação dos dados. In: *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. p.121-134. (Cadernos Didáticos UFJR).
- SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto, 2002.
- SOUZA DA SILVEIRA. *Fonética Sintática*. Rio de Janeiro: GB, 1971.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.
- VELOSO, B. (2003). *O Sândi vocálico externo e os monomorfemas em três variedades do Português* (dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre, EDPUCRS, 2002.
- WEINREICH, U. & LABOV, W. & HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W & MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

